**ACOMETIMENTO DE FELINOS POR *ANAPLASMA PHAGOCYTOPHILUM***

**Thays Raquel de Freitas Bezerra1\*, Maria Beatriz Medeiros Vale Costa1, Ingrid Nayara Duarte Azevedo1, Caroline de Brito Ferreira1, José Jurandi Nunes Batista Júnior1, Yade Farias Nunes1 e Amana Fernandes Maia2**

*1Graduanda em Medicina Veterinária – UFCG – Patos/PB – Brasil – \*Contato: thays.raquel@estudante.ufcg.edu.br*

*2Médica Veterinária autônoma – CRMV 03474 Limoeiro do Norte/CE - Brasil*

**INTRODUÇÃO**

As hemoparasitoses possuem vasta disseminação e grande importância para a medicina veterinária. A anaplasmose é uma hemoparasitose distribuída em vários países, com acometimento de diversas espécies, caninos, bovinos, humanos, felinos. Tal enfermidade é causada por bactérias gram-negativas, intracelulares obrigatórias.

Os gatos normalmente são infectados pelo *Anaplasma phagocytophilum*, que possui predileção por neutrófilos, entretanto, também pode ocorrer a infecção pelo *Anaplasma platys*, o qual tem afinidade por plaquetas. Além disso, essa enfermidade possui elevada importância para saúde pública por tratar-se de uma zoonose.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Para a elaboração do presente trabalho, que configura-se como revisão de literatura, foram realizadas pesquisas em livros de clínica médica veterinária e de parasitologia, bem como, em artigos científicos disponíveis em plataformas digitais.

**REVISÃO DE LITERATURA**

A anaplasmose felina, anaplasmose granulocitotrópica felina ou anaplasmose granulocítica felina é uma hemoparasitose causada por uma bactéria gram-negativa que possui tropismo por leucócitos polimorfonucleados, neutrófilos, predominantemente, e uma vez acometidas estas células apresentam mórulas em seu interior10,8.

O agente etiológico causador da anaplasmose felina, é o *Anaplasma phagocytophilum*, da classe Rickettsiae da ordem Rickettsiales, família Anaplasmataceae, gênero *Anaplasma*, que contempla diversas espécies, as principais citadas são *A. centrale*, *A. marginale*, *A. bovis* e *A. ovis* responsáveis pela anaplasmose de ruminantes domésticos e selvagens, A. *phagocytophilum* que acomete humanos, ruminantes, equinos, cães, gatos, veados, aves e roedores e *A. platys* causadora da enfermidade em cães e gatos6.

O desenvolvimento da doença ocorre após a inoculação do agente etiológico de forma experimental ou natural. A forma natural provavelmente tem relação com carrapatos do gênero *Ixodes*, vetores da doença para cães, o agente encontra-se na saliva dos parasitas e é inoculado através da picada em animais ou humanos9,4. Como a forma de transmissão para felinos ainda não está bem elucidada, supõe-se que também ocorra por meio de contato direto ou ingestão de roedores infectados9.

A sua patogênia é desconhecida, todavia, alguns gatos após transmissão experimental apresentaram anticorpos antinucleares, além de aumento do mRNA de interferon-γ, levantando-se assim a hipótese de envolvimento da patogênese da imunidade nos eventos das manifestações clínicas3.

Animais infectados podem desenvolver discreta trombocitopenia, neutrofilia com desvio à esquerda, linfopenia, hiperglicemia e hiperglobulinemia9,3. Em um experimento foi observada significativa redução do volume corpuscular médio e aumento das enzimas hepáticas alanina aminotransferase e aspartato aminotransferase7.

Uma vez infectado o animal poderá ou não manifestar sinais clínicos, estes costumam ser discretos, cita-se febre, anorexia e letargia, presença de carrapatos, além de conjuntivite e desidratação. Pode ocorrer em menor frequência desconforto abdominal, palidez de mucosa, acometimento respiratório, taquicardia, sinais neurológicos, perda de peso e tártaro com ou sem gengivite. Os sinais clínicos raros incluem epistaxe recorrente, poliúria e polidipsia, hipotermia e ausculta pulmonar anormal7,9.

São descritos diversos métodos de diagnóstico, dentre eles o esfregaço de sangue periférico, o qual busca a presença de corpúsculos de inclusão, mórulas, em neutrófilos (Fig. 11), método bastante difundido, contudo, nem sempre é confirmatório, pois estas não podem ser diferenciadas das mórulas de *Ehrlichia ewingii*, além de haver a possibilidade de interpretação falsa de resíduos de coloração e núcleos, como mórulas7.



**Figura 1:** Neutrófilos de dois gatos de raça europeia com a presença de mórulas de *Anaplasma* spp1.

Com a técnica de Reação em Cadeia da Polimerase (PCR) é possível detectar o DNA do patógeno seja em sangue periférico, camada leucocitária, medula óssea ou em amostra de tecido esplênico7, contudo, estudos afirmam que a detecção do antígeno pela técnica de PCR possui alta sensibilidade e especificidade para infecções agudas, mas em casos crônicos a ausência do agente no sangue pode gerar resultados falso-negativos2.

Métodos diagnósticos indiretos como Elisa e Reação de Imunofluorescência Indireta (RIFI) também são empregados. O kit comercial SNAP 4Dx®, IDEXX, disponível para caninos também apresenta sensibilidade à detecção de anticorpos contra *A. phagocytophilum* em gatos domésticos, porém, podem haver reações cruzadas com anticorpos de *A. platys* e *Ehrlichia* spp3.

Os antimicrobianos de eleição para o tratamento de rickettsias são doxiciclina, na dose de 5 a 10 mg/kg/VO, a cada 12 horas, ou tetraciclina na dose de 22 mg/kg/VO, a cada 8 horas, ambos administrados durante 20 a 28 dias9,3,5.

Considerando-se a infecção de seres humanos, a anaplasmose granulocítica é tida com uma zoonose, assim tendo importância para a saúde pública. A via mais comum de transmissão para humanos é pelo carrapato, podendo também ocorrer pela manipulação sanguínea, transfusão e manipulação de cadáveres, porém, o homem é considerado um hospedeiro acidental3,6,10.

Os métodos de prevenção visam o controle de carrapatos no ambiente e nos animais, além uso profilático de tetraciclinas caso sejam realizadas visitas a áreas endêmicas. Nestas áreas deve haver monitoramento dos gatos doadores de sangue, caso testem positivo para a doença não devem ser utilizados para tal ação5,9,3,6.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No Brasil e no restante do mundo existem poucos relatos sobre o acometimento de felinos por *A. phagocytophilum*, assim sendo, alguns aspectos dessa hemoparasitose ainda não estão bem elucidados, porém, sugere-se que hajam semelhanças com a anaplasmose de caninos. O carrapato é apontado como possível principal vetor, e é imprescindível que a prevenção envolva medidas de controle deste parasito.